



A aposentada Adeilda vive na região há 74 anos

Antes da Ilha das Flores, uma fazenda

Na década de 40, a fazenda da família Costalonga foi transformada em loteamento. O nome do bairro foi dado por causa das flores nativas

Uma propriedade rural, onde predominava a criação de gado. Essa era uma das principais características de Ilha das Flores, antes do local ter o aspecto urbano que tem atualmente.

A família Costalonga, uma das primeiras proprietárias da região, comprou grande parte da área na década de 30. Quando adquiriu metade da propriedade, o fazendeiro Basílio Costalonga passou a criar gados na região.

Por volta de 1940, o fazendeiro fez o loteamento numa parte da propriedade, que foi adquirindo características urbanas com a chegada de novos habitantes. Nessa época, os moradores começaram a ser beneficiados com o serviço de água encanada.

Anos depois, o proprietário cedeu dois terrenos para a comunidade construir uma escola e a igreja Nossa Senhora de Fátima. Segundo alguns moradores, a energia elétrica chegou na década de 50.

Um dos filhos do proprietário da fazenda, Homero Costalonga, lembrou dos anos em que o bairro vivia sem luz. "Meu pai foi o primeiro a puxar a energia para a nossa casa. Em dias de jogo, nós aumentávamos o volume do rádio e as pessoas ficavam acompanhando as partidas", contou.

Segundo os moradores, o bairro nunca possuiu outro nome. A região ficou conhecida pelas flores nativas que se destaca-



vam na paisagem do bairro.

OBSTÁCULOS

A vida dos primeiros moradores da região não foi fácil. A ausência de água, iluminação adequada e as dificuldades de acesso ao restante da cidade foram os principais obstáculos.

A aposentada Adeilda Menezes Cavalcante, 95 anos, chegou ao local há 74 anos, acompanhada de seu marido. Os dois vieram do estado de Alagoas. "Quando cheguei aqui só vi mato e cobras. Não havia nada que facilitasse a nossa vida", recordou.

Prioridades básicas como água e luz tiveram que ser viabilizadas pelos poucos moradores que habitavam a região no início da década de 30. "Para conseguir água para beber, a gente tinha que ir até Vila Batista e carregar lata na cabeça", contou Adeilda. Já à noite, para iluminar as casas, os moradores utilizavam lamparinas.

A locomoção para outros bairros também era complicada. O local só possuía uma via de acesso, que era estreita. Para se dirigir até o centro de Vitória, a solução era fretar um barquinho.